

## O DILÚVIO

(1863)

E caiu a chuva sobre a terra  
quarenta dias e quarenta noites.  
GÊNESIS – C. VII, v. 12

Do sol ao raio esplêndido,  
Fecundo, abençoado,  
A terra exausta e úmida  
Surge, revive já;  
5 Que a morte inteira e rápida  
Dos filhos do pecado  
Pôs termo à imensa cólera  
Do imenso Jeová!

Que mar não foi! que túmidas  
10 As águas não rolavam!  
Montanhas e planícies  
Tudo tornou-se um mar;  
E nesta cena lúgubre  
Os gritos que soavam  
15 Era um clamor uníssono  
Que a terra ia acabar.

Em vão, ó pai atônito,  
Ao seio o filho estreitas;  
Filhos, esposos, míseros,  
20 Em vão tentais fugir!  
Que as águas do dilúvio  
Crescidas e refeitas,  
Vão da planície aos píncaros  
Subir, subir, subir!

25 Só, como a ideia única  
De um mundo que se acaba,  
Erma, boiava intrépida,  
A arca de Noé;  
Pura das velhas nódoas  
30 De tudo o que desaba,  
Leva no seio incólumes  
A virgindade e a fé.

Lá vai! Que um vento alígero,  
Entre os contrários ventos,  
35 Ao lenho calmo e impávido  
Abre caminho além...  
Lá vai! Em torno angústias,  
Clamores e lamentos;  
Dentro a esperança, os cânticos,  
40 A calma, a paz e o bem.

Cheio de amor, solícito,  
O olhar da divindade,  
Vela os escapos náufragos  
Da imensa aluvião.  
45 Assim, por sobre o túmulo  
Da extinta humanidade  
Salva-se um berço: o vínculo  
Da nova criação.

Íris, da paz o núncio,  
50 O núncio do concerto,  
Riso do Eterno em júbilo,  
Nuvens do céu rasgou;  
E a pomba, a pomba mística,  
Voltando ao lenho aberto,  
55 Do arbusto da planície  
Um ramo despencou.

Ao sol e às brisas tépidas  
Respira a terra um hausto,  
Viçam de novo as árvores,  
60 Brota de novo a flor; →

E ao som de nossos cânticos,  
Ao fumo do holocausto  
Desaparece a cólera  
Do rosto do Senhor.

MACHADO DE ASSIS

[*Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864. p. 31-34.]

Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.